
De Chronos a Kairós: uma reflexão sobre tempo e subjetividade pós-moderna para além da mídia e do consumo¹

Lara Cristina VOLLMER²

ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing , São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a relação do *tempo* com os modos de ser e estilos de vida contemporâneos, analisando os efeitos e impactos causados pela compressão tempo-espço, característica inerente da vida pós-moderna (HARVEY, 1992). Analisando desde as representações míticas do tempo – Aion, Chronos e Kairós – até a enorme quantidade de subjetividades que se valem da aceleração da vida para mudar as maneiras de pensar, sentir, agir e consumir dos indivíduos, levando-os ao que Pelbart (2016) chama de “instantaneidade hipnótica e chapada”, busca-se problematizar tais instâncias e confrontá-las com a possibilidade de resistência através da arte e do pensamento crítico.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação e Consumo; tempo; subjetividade; pós-modernidade.

INTRODUÇÃO

Por que temos a sensação de que o tempo vem sendo cada dia mais comprimido e que já não damos mais conta de nossas tarefas diárias? A problemática do tempo em seu viés ontológico parece persistir como uma aporia, uma questão não solucionada, tanto por filósofos quanto por físicos de todos os tempos. No pensamento aristotélico, *tempo* seria a medida do movimento das coisas: a vida percorre seu caminho e precisamos dessa medida para nos orientar. Porém, a relação do tempo com o indivíduo moderno vem sofrendo grandes mutações e agravando alguns problemas sociais e psicológicos. A sociedade moderna tem trocado fenômenos externos – tais como a orientação pelo sol ou pela lua, as estações do ano, ciclos das plantações, etc – por dispositivos cada dia mais sofisticados e entremeados em nossas vidas, a começar por sofisticados relógios e celulares – a exemplo dos *smartwatches* e *smartphones* –, e outros aparatos como timers, despertadores, agendas eletrônicas, entre tantos outros que já não podemos mais identificar, nomear ou até mesmo perceber sua existência. Não somos mais passivos em

¹ Trabalho apresentado no GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda e mestra no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP; Professora no Curso de Design Visual da ESPM-SP; lara@vollmer.com.br.

relação ao tempo, como nas sociedades tradicionais, porém estamos longe de ser “donos” de nosso próprio tempo em uma sociedade moderna.

O objetivo principal deste artigo, portanto, é problematizar as relações do tempo com os modos de ser e estilos da vida contemporâneos e analisar as implicações do que entendemos aqui como o *agendamento midiático do tempo* – uma condição neoliberal que objetiva o alinhamento ao sistema vigente por meio de uma certa homogeneização calcada no fascínio pela tecnologia e pelo mercado. Para isso, faremos uma relação entre a vida contemporânea com as representações míticas do tempo – Aion, Chronos e Kairós.

Por fim, buscaremos entender o papel da arte e do pensamento crítico neste contexto, sugerindo a importância destes para que o indivíduo mantenha sua *integridade* psicológica e social.

UMA INSTÂNCIA MITOLÓGICA DO TEMPO

*Grandes erros são: a pressa antes do tempo
e a lentidão ante a oportunidade.*
– Provérbio árabe

Na mitologia grega, o *tempo* era representado por três diferentes divindades: Aion, Chronos e Kairós.³ Aion é uma divindade helenística que significa *o tempo eterno, ilimitado e cíclico*. É representado por uma figura masculina alada com cabeça de leão, cujo torso nu é enrolado por uma serpente e carrega um tipo de cajado. Deus de todas as eras, décadas e milênios, Aion emula o ciclo da evolução da humanidade (Figura 1).

Senhor do Tempo, Chronos era o mais jovem dos titãs, mas curiosamente tinha como representação visual a figura de um velho. Filho de Urano (representação do céu) e Gaia (personificação da terra), teve como destino livrar sua mãe da opressão de Urano castrando-o e lhe tirando assim o poder. De acordo com a mitologia, Chronos temia uma profecia que dizia que, assim como fez a seu pai, lhe seria tirado o poder por um de seus filhos, e por isso ele os devorava assim que saíam do ventre da mãe, sua mulher e meia-irmã Reia. Não feliz com isso, Reia escondeu Zeus quando este nasceu e entregou uma pedra para Chronos engulir em seu lugar. Quando Zeus cresceu, conspirou contra o pai e o fez vomitar seus irmãos para ajudá-lo a conquistar o trono de Olimpo. Neste breve resumo podemos entender a alusão do *tempo* em Chronos, que *gera e devora*, e nos remete justamente à continuidade, ao tempo físico que pode ser medido e determinado, com um

³ Início esta reflexão trazendo a síntese de uma extensa busca sobre a mitologia grega, utilizando para isso uma enorme quantidade de reportagens, artigos e referências disponíveis em diversas fontes voltadas para esse assunto.

princípio e um fim. Chronos é o *tempo empírico* e o representa em seu sentido mais deletério: o *tempo que devora* (Figura 2).



Figura 1 - Desenho de Aion encontrado no mithraeum de C. Valerius Heracles e filhos, 190 dC, Ostia Antica, Itália. **Figura 2** – *Saturno devorando a um hijo*, Francisco de Goya, 1819-1823, Museu do Prado, Madrid. **Figura 3** – *Kairos and Ignudo*, Francesco Salviati, 1510-1554, afresco da Sala dell’Udenzia Invernale no Palazzo Ricci-Sacchetti, Roma.

Kairós, o filho mais moço de Zeus com a deusa da fortuna e da prosperidade, Tyche, era retratado com a figura de um jovem ligeiro que andava nú, tinha asas nos tornozelos e nos ombros e trazia apenas um penacho de cabelos na testa – esta condição lhe atribuía um sentido figurativo quanto ao seu significado de *tempo enquanto oportunidade*, ao permitir-se ser pego somente pela frente segurando-lhe pelo topete pois, quando ele passava ligeiro, já não seria mais possível agarrá-lo por trás. Era considerado o *deus do tempo oportuno*, e os pitagóricos o qualificavam como a própria *oportunidade*. Kairós simboliza o tempo não-linear, ou seja, o melhor instante do presente, este que nos possibilita afastar o caos e abraçar a felicidade (Figura 3).

Enquanto atravessamos pela vida, somos convocados a responder a cada uma destas dimensões do tempo: Aion nos reclama a aceitação de nossa finitude frente à vida eterna, enquanto Kairós nos exige atenção e sabedoria para aproveitar as oportunidades da vida. Chronos, o mais cruel e exigente, reclama cuidado com o tempo que confere aos seus, este tempo finito e mensurável, mas que nunca se sabe o quanto irá durar. Nosso cotidiano deveria ser assinalado por esses conceitos de tempo, portanto: enquanto Chronos *quantifica*, Kairós *qualifica* e Aion *atempORIZA*.

É através destas três imagens figurativas do *tempo* que pretendemos aqui refletir sobre a condição pós-moderna e sua relação com o consumo e sentido da vida.

O TEMPO QUE O TEMPO (NÃO) TEM

Inventamos uma montanha de consumo supérfluo, e é preciso jogar fora e viver comprando e jogando fora. E o que estamos gastando é tempo de vida. Porque quando eu compro algo, ou você, não compramos com dinheiro, compramos com o tempo de vida que tivemos de gastar para ter esse dinheiro. Mas com esta diferença: a única coisa que não se pode comprar é a vida. A vida se gasta. E é miserável gastar a vida para perder a liberdade⁴

– José Mujica

Tudo indica que esta subordinação ao sistema capitalista a que Mujica⁵ se refere vem causando grandes transtornos na vida contemporânea. Como numa bola de neve ladeira abaixo, o indivíduo vai consumindo a tudo e a si mesmo em rápida e progressiva escala. Parece haver nesta condição do sistema capitalista uma cruel armadilha: cada vez mais precisa-se de mais para se ter mais, o que faz da vida nas grandes cidades automatizada e frenética. Não parece haver mais muito tempo ou espaço para a contemplação, o ócio, a apreciação, o encantamento pois, como a expressões se auto-explicam, “a roda precisa girar” e “tempo é dinheiro”.

Podemos perceber tempo e espaço como categorias fundamentais na experiência de mundo. Há, porém, uma grande variedade de formas de entendê-los, e essa pluralidade de concepções pode ser conflitante em vários níveis: entre grupos, nações, estilos de vida, formas de ver o mundo e nas idiossincrasias de forma geral. Harvey assinala o tempo pós-moderno como uma fase de intensa compressão do tempo-espaço, cujo impacto tem sido “desorientado e disruptivo sobre as práticas político-econômicas, sobre o equilíbrio do poder de classe, bem como sobre a vida social e cultural” (HARVEY, 1992, p. 257). Para o autor, não há um sentido único e objetivo de tempo e espaço senão quando para propósitos de dominação.

Ainda segundo Harvey, as muitas mudanças organizacionais vem acarretando alterações na percepção do tempo, tais como o sistema *just in time*, novas tecnologias de controle eletrônico, de produção em pequenos lotes que reduziram o tempo de giro em muitos setores da produção, fazendo com que os trabalhadores tivessem que intensificar o processo de trabalho, o que causou uma aceleração na desqualificação e requalificação necessárias ao atendimento de novas necessidades de trabalho. Também o consumo

⁴ *Human*, documentário de Yann Arthus-Bertrand. Disponível em: <http://www.human-themovie.org>. Acesso em 01 out. 2020, às 11:15.

⁵ *José Alberto Mujica Cordano*, apelidado de Pepe Mujica, foi presidente da República Oriental do Uruguai de 2010 a 2015 e senador de 2015 a 2018. Ex-guerrilheiro dos Tupamaros, entre os anos 60-70, foi preso como refém pela ditadura entre 1973 e 1985. Popular e pragmático, Mujica prega uma filosofia de vida em torno da sobriedade: aprender a viver com o que é necessário e o que é justo.

sofreu grandes alterações com os sistemas de aperfeiçoamento de comunicação e de fluxo de informações, associados com a racionalização nas técnicas de distribuição, que possibilitaram a circulação de mercadorias no mercado a uma velocidade maior através de bancos eletrônicos 24 horas, cartões de crédito (HARVEY, 1992, p.257- 258), e agora aplicativos e dispositivos para pagamentos e outras transações online. A aceleração muda as maneiras de pensar, sentir, agir e, de forma mais complexa, a maneira de consumir:

Foram as formas imediatas e tangíveis pelas quais o “impulso acelerador da sociedade mais ampla” golpeou “a experiência cotidiana comum do indivíduo” (TOFFLER, p.40). Por intermédio desses mecanismos (altamente eficazes da perspectiva da aceleração do giro de bens no consumo), as pessoas foram forçadas a lidar com a descartabilidade, a novidade e as perspectivas de obsolescência instantânea. “Em comparação com a vida numa sociedade que se transforma com menos rapidez, hoje fluem mais situações em qualquer intervalo de tempo dado – e isso implica profundas mudanças na psicologia humana” (TOFFLER apud HARVEY, 1992, p. 258-259)

A fragmentação, indeterminação e intensa desconfiança dos discursos “totalizantes” são o marco do pensamento pós-moderno. “O pós modernismo assinala a morte dessas ‘metanarrativas’, cuja função terrorista secreta era fundamentar e legitimar a ilusão de uma história humana ‘universal’” (HARVEY, 1992, p.19). De certa forma, esta deslegitimação e simplificação excessiva do pensamento acarretaram outras tantas desestabilizações para que a volatilidade da vida se instaurasse. Tal volatilidade carece de planejamento e requer rápida e alta capacidade de adaptação no que diz respeito ao mercado e ganho de capital.

Os indivíduos são compelidos à “manipulação do gosto e da opinião” através da construção de novos signos e imagens pela mídia, cunhados principalmente por referências diretas ao dinheiro, sexo e poder. As imagens agora são as novas mercadorias, cuja “efemeridade” e “comunicabilidade instantânea no espaço tornaram-se virtudes a serem exploradas e apropriadas pelos capitalistas para os seus próprios fins” (HARVEY, 1992, p. 250-260).

Vivemos, portanto, nesta sociedade de tempos líquidos a que Bauman se refere, voraz no sentido de tempo e aceleração, e vazio no que diz respeito aos afetos. Rotinas, agendas, a própria organização do tempo em cronogramas a serem cumpridos, horários determinados, reuniões e tantas outras demarcações temporais a que somos pressionados a cumprir diariamente, são situações que genuinamente nos consome. Somos, portanto, consumidos por Chronos, e pouco espaço nos sobra para Kairós e seu *tempo oportuno*.

Assim como na fala de Mujica, é preciso refletir sobre a troca que fazemos ao aceitar as condições pós-modernas do *tempo* no que diz respeito à sua *quantidade* (Chronos) e *qualidade* (Kairós), sem nos esquecermos de que *haverá um fim*, e que um dia nos serão cobradas nossas desventuras (Aion).

CRONOS E O RELÓGIO

*O mais feroz dos animais domésticos é o relógio de parede:
conheço um que já devorou três gerações da minha família.*
– Mário Quintana

A sociedade capitalista pós-moderna tornou-se uma *máquina semiótica*, produtora de modos de pensar, agir, sentir e viver, e a cidade é hoje um grande observatório para se pensar e estudar estas subjetividades. Mas o capitalismo nasceu na era industrial, cujos principais emblemas eram mecânicos, e dentre tantos – a exemplo das locomotivas e máquinas a vapor –, o relógio foi o mais emblemático, principalmente no que diz respeito às transformações sociais do mundo ocidental:

Esse aparelhinho singelo e preciso, cuja única função consiste em marcar mecanicamente a passagem do tempo, simboliza como nenhum outro as transformações ocorridas na sociedade ocidental em sua árdua transição rumo ao industrialismo e à lógica disciplinar que logo se generalizaria. (SIBILIA, 2015, p.21-22)

Sibilia (2015) nos conta a trajetória deste simbólico aparelho surgido em mosteiros na Idade Média devido à necessidade de regulação e ordenação da disciplina e do trabalho. Sua utilização se expandiu rapidamente para as cidades com os mesmos fins regulatórios, seja no sino da igreja para chamar os congregados, e mais tarde nas fábricas, escolas e outras instituições com fins disciplinares, caracterizando as “sociedades disciplinares” apontadas por Deleuze (1992). A autora chama a atenção à violência submetida aos indivíduos enquanto implicações deste *novo esquadramento do tempo*, o que na época também gerou “outras formas de ser, de estar e de movimentar-se nas coordenadas espaço-temporais” (SIBILIA, 2015, p. 22).

Segundo Foucault, essa regulação que intenta obter subjugação dos corpos e controle das massas – o que ele chama de *biopoder* –, é “um tipo de poder fundamental para o desenvolvimento do capitalismo, cujo objetivo é produzir forças, fazê-las crescer, ordená-las e canalizá-las, em vez de barrá-las ou destruí-las” (FOUCAULT apud SIBILIA, 2015). Foucault (2009) esclarece sobre essa importante mudança estratégica do poder, que abandonou a punição – antes travestida de sofrimento ao corpo físico – em

troca das técnicas de disciplina e vigilância que se espalharam de maneira gradual e imperceptível pela sociedade a partir do século XVIII. O filósofo foi em busca da genealogia desta nova economia política do poder, uma maneira de garantir o sistema vigente e legitimá-lo enquanto domínio do Estado sobre as massas de populações.

Houve, no entanto, uma significativa mudança de paradigma nessas sociedades disciplinares na pós-modernidade, que agora passaram a ser conduzidas pelo controle, caracterizando o que Deleuze (1992) chamou de “sociedades de controle”. Para o filósofo francês, o controle é o novo modo pela qual se exerce o poder, e ele se distingue da disciplina no que diz respeito à disposição do tempo e do espaço. Se a disciplina abalizava o espaço por territorializações, o controle o faz hoje por processos de desterritorialização. A condução dos fluxos agora é canalizada, e a potência de um corpo deve ser controlada a partir de dentro, capturando o *desejo*. Antes o tempo era marcado pelo relógio, mas nas sociedades de controle o tempo cronológico é entendido como sendo pouco produtivo, e sua captura se dará de forma diversa, desde que mais conveniente e permanente (DELEUZE, 1992, p. 3).

O *tempo* está no cerne do capitalismo mediatizado, tal qual uma imposição burocrática que afeta os indivíduos de forma regular e sistematizada. Com a transição do relógio analógico para o digital, segundo Harvey, “o tempo perdeu seus interstícios”, sendo que o próprio aparelho tende ao desaparecimento, diluindo-se por toda parte e em todas as instâncias reguladoras da sociedade pós-moderna: nos painéis dos carros, nas ruas, em prédios, nos celulares, televisores, microondas e até mesmo na cafeteira utilizada no intervalo de uma reunião de negócios. “O relógio serve, portanto, como emblema e como sintoma, expressando em seu corpo maquínico a intensificação e a sofisticação da lógica disciplinar na sociedade de controle” (HARVEY, 1992, p.29).

Podemos também entender o importante papel da mídia na formação do sujeito, decorrente de um contexto globalizado e que coincide com o modo de ser neoliberal. Sodré (2011) diz que “a sociedade contemporânea (dita “pós industrial”) rege-se pela mediatização, quer dizer, pela tendência à virtualização ou territorialização das relações humanas” (SODRÉ, 2011, p. 23), e que é de grande importância compreender como a comunicação passou a integrar o plano sistêmico da estrutura de poder através das plataformas de dados e tantos outros instrumentos de “infocontrole” e “data vigilância”. Estaria em andamento, portanto, o que entendemos aqui como sendo um *agendamento midiático do tempo*, este de cunho neoliberal, que busca essa homogeneização calcada no

fascínio pela tecnologia e pelo mercado que mencionamos inicialmente, algo absolutamente partidário ao sistema vigente.

O relógio, agora onipresente, ainda representa uma das mais sutis formas de controle até então vigente, a que atravessa o indivíduo empiricamente a todo instante e em todo o lugar, configurando assim Chronos – *o tempo que devora*.

AION E A PSIQUIATRIZAÇÃO DA VIDA

O próprio viver é morrer, porque não temos um dia a mais na nossa vida que não tenhamos, nisso, um dia a menos nela.
– Fernando Pessoa

Há, indubitavelmente, uma colonização do espaço pelo tempo causando esta compressão que acaba por gerar o mal estar contemporâneo, cujas características destabilizantes tem preocupado muitos estudiosos e instituições sérias ligadas à saúde. Como então evitar os preceitos do neoliberalismo e suas estratégias sedutoras de controle em uma sociedade hiperindividualista e de hiperconsumo, onde o subconsumo é próprio de exclusão, vergonha de si e autoestigmatização? Se por um lado o hiperconsumo livra o indivíduo da miséria material e subjetiva, por outro aumenta sua miséria interior e seu ressentimento ao lhe impor uma vida “às margens”, sem o acesso à “felicidade consumista” prometida à todos (LIPOVETSKY & SERROY, 2011).

A cooptação dos indivíduos visando à produtividade está em curso acelerado: uma busca incessante de mecanismos de poder através da mídia, que se reinventa na medida em que seus modelos antigos vão se esgotando. Cada vez mais acrítico, automatizado e quantificado, o indivíduo parece caminhar em direção oposta ao seu espírito. Como uma forma sofisticada de opressão, essa suposta liberdade de *ser e viver* que o leva a crer que seu sucesso ou fracasso depende unicamente de si mesmo vem desencadeando um número assombroso de doenças sociais das mais diversas, entre elas o esgotamento, síndrome de *burnout* e estresse, ou problemas mais sérios como transtornos de ansiedade, síndrome do pânico, depressão e, no pior dos casos, o suicídio. Ao irmos contra nossa natureza, estamos nos tornando escravos por livre escolha, nos diz Jessé de Souza, pois tais rituais de poder “ajudam a obscurecer a obediência cega a uma vontade impessoal e heterônoma” (SOUZA, 2018, p.267). Não é de se estranhar que esta condição neoliberal não resulte em boas estatísticas quando o assunto é a saúde física e mental do indivíduo

que nela embarca. Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS)⁶ indicam que 4,4% da população mundial é afetada pela depressão, e no Brasil o índice é ainda maior: 5,8% da população, algo equivalente a 11,5 milhões de pessoas. No que diz respeito à ansiedade, os dados são mais alarmantes, pois o Brasil é o país com maior prevalência no mundo, chegando a 9,3% da população – 18,6 milhões de pessoas. Dados do Ministério da Saúde indicam que os casos de lesão autoprovocada⁷ notificados no Brasil aumentaram cerca de 200% num período de cinco anos.

Podemos observar o domínio da velocidade em todas as áreas da vida e em meio à toneladas de subjetividade que importam somente aos interesses neoliberais, bem como as consequências destas condições pós-modernas, que domesticam e esvaziam o sentido da existência dos indivíduos às últimas consequências, ou seja, às custas de sua própria saúde física e mental. Compreendendo essa produção de sentidos como sendo vital à condição social do indivíduo, Suely Rolnik (1997) problematiza esse desassossego mobilizante da atualidade em que, por um lado há uma *desestabilização exacerbada* e por outro a *persistência da referência identitária*, sendo que a combinação destas duas forças faz com que haja um *vazio de sentido* insuportável no indivíduo – o esvaziamento da própria subjetividade, anestesiando o corpo e neutralizando os afetos. Para combater este mal estar, a autora aponta para um mercado variado de drogas que promete sustentar a ilusão de identidade: narcóticos, fórmulas, vitaminas, literatura de autoajuda e TV, entre outras tantas, que visam domesticar estas forças promovendo resistência às condições impostas pela sociedade capitalista contemporânea. Há, neste movimento, o que a autora coloca como “o abandono da referência identitária e sua substituição pela própria processualidade” (ROLNIK, 1997).

É sabido que este quadro desolador está diretamente ligado à dinâmica precipitada da vida moderna e globalizada e, portanto, a tudo o que ela implica. Enfrentar a imposição espaço-temporal do mundo contemporâneo e universalizado requer resiliência e vigilância, o que não é nada fácil frente aos impulsos sedutores de uma sociedade neocapitalista que se reinventa continua e rapidamente.

⁶ Disponível em: https://www.who.int/mental_health/suicide-prevention/suicide-infographic-es.pdf?ua=1. Acesso em 27 mai. 2019, às 20:05.

⁷ *Autolesão* ou *lesão autoprovocada* é qualquer lesão intencional e direta dos tecidos do corpo provocada pela própria pessoa, mas sem que haja intenção de cometer suicídio.

O abandono de si causado por este mal estar contemporâneo, em qualquer circunstância ou profundidade, poderia ser configurado aqui como sendo a *atemporalidade* de Aion, pois não há *quantidade* (Chronos), tampouco *qualidade* (Kairós) no tempo vivido. Nesta “morte pelo abandono”, o ciclo se fecha e finda, configurando a *finitude* que Aion nos denuncia e reclama a aceitação.

KAIRÓS E OS AFETOS

*O tempo pode ser medido com as batidas de um relógio
ou pode ser medido com as batidas do coração.*
– Rubem Alves

Nota-se que o *tempo* já não pertence muito ao indivíduo neoliberal, mas ao sistema que o abraça, ou melhor, ao qual *ele* abraça: falta de tempo, necessidade de pontualidade, prazos a serem cumpridos, metas a serem programadas. Há uma infinidade de abstrações modernas relativas ao *tempo medido* de Chronos que nos são impostas cotidianamente, ocupando nosso espaço temporal de forma a nos engulir, e conosco as possibilidades de desfrute do *tempo oportuno* de Kairós.

Mas como podemos localizar Kairós no cotidiano? Como entender sua importância enquanto apaziguador das almas e motivador dos afetos? Como identificar as oportunidades a tempo de contempla-lo no presente vivido? Sim, porque Kairós é o presente, e é no presente vivido que parece residir qualquer resposta. Sem essa reflexão crítica que nos posicione e nos traga de volta ao presente, estaremos fadados à uma dominação sedutora e altamente mutável, que rapina nosso tempo de forma escamoteada para assaltar nossas almas e afetos por tempo indeterminado.

No que diz respeito ao consumo, trago o que para mim é uma pergunta inquietante: se caminhamos para uma evolução no sentido de conforto e de recursos que deveriam facilitar as tarefas cotidianas – alimento, moradia, etc – porque *ser e viver* nos dias de hoje ainda demonstra ser tão penoso?

Que sentido tem a vida? Que propósito podemos dar à vida e ao existir, depois do genocídio patrocinado pelo nazismo, depois da bomba atômica e da ameaça de um botão vermelho, com o qual apenas um clique seria o suficiente para o extermínio da humanidade, e da sorte de milhões de crianças que no século XXI ainda morrem de fome? A tecnologia trouxe o paradoxo da sobrevivência e da autodestruição do ser humano. Tudo está pronto, a ponto de ser consumido e não mais exige do homem a construção de um sentido para tal: a poesia deu lugar ao mundo virtual, a sensualidade é objeto de marketing, a privacidade sucumbiu à sedução das comunidades on-line. O corpo está exposto e a intimidade devassada. Os jovens buscam nas drogas alguma compensação para

a falta de uma razão de ser e de existir. Mas o homem mantém sua perplexidade e inquietação na busca de um sentido para a vida. Cabe-nos indagar se isso é alcançável ou não, e, ainda, como fazê-lo (CARNEIRO & ABRITTA, 2008)

Não é simples ou fácil a escolha de permanecer membro da “sociedade de consumidores”, o que Bauman relata como sendo uma “tarefa assustadora de esforço interminável”, e na qual o *fantasma da exclusão* faz ronda permanente. Os alicerces do mercado tratam a condição de consumidor como inerente à “natureza humana” e que, portanto, deve ser reverenciada e correspondida, porém, o autor relativiza esta condição ao constatar que os indivíduos estão cada vez mais inclinados a rejeitar estas coerções externas, considerando-as destrutivas, caras e opressivas, e começam a entender que, ao contrário do que lhes foi apresentado, elas vão contra a natureza humana. Freud nos traz esperança ao afirmar que em nenhum lugar e em circunstância alguma a exigência da renúncia ao instinto será abraçada de bom grado (FREUD apud BAUMAN, 2008, p. 92). Segundo o psicanalista, a grande maioria dos indivíduos obedece aos preceitos e anulações interiores “apenas sob a pressão da coerção externa”.

Vivemos essa complexa dicotomia onde, apesar da enorme influência da mídia e da tecnologia, é possível perceber uma pequena mas crescente parte da sociedade que incita alternativas aos tantos preceitos “modernos”, buscando respostas em ações e no “fazer”, ao invés do “ter” e do “ser”. Movimentos como Minimalismo, *Lowsumerism*, *DIY Movement (Do It Yourself)*, Simplicidade Voluntária, Reducitarianismo, *Tiny Houses Movement*, e principalmente o *Slow Food e Slow Movement* entre tantos outros propõe alternativas ao *establishment*. Apesar de ainda assim fazerem parte do sistema – algo impossível de não ser dentro de sociedades modernas –, os indivíduos se engajam nestes movimentos, estilos de vida ou práticas por questões políticas, sociais ou realização pessoal. As adesões claramente se baseiam nas condições sócio-econômica e cultural destes indivíduos dentro da sociedade, mas busca-se, contudo, o sentido e o prazer da vida no cuidado direto com a casa e os afazeres domésticos diários, no zelo pelo bem-estar e a saúde da família, com o natural e a com natureza. As escolhas tendem a ser movidas por uma visão de mundo, algo maior do que a ilusão material ou virtual podem oferecer. Entende-se que qualidade de vida está diretamente associada ao “aqui e agora”, as oportunidades de curtir a família, descansar ou fazer algo que proporciona algum tipo de prazer. De forma mais ampla, os adeptos destes movimentos tencionam para um consumo mais comedido e hesitante, ou seja, menos coisas e mais sentido. Almejam, de certo modo, a vivência do *presente oportuno* de Kairós.

O TEMPO OPORTUNO DA ARTE

*E eu corri pro violão num lamento, e a manhã nasceu azul
Como é bom poder tocar um instrumento*
– Caetano Veloso

Ao habitarmos nossa própria velocidade, acarretamos danos em nossa experiência sensorial, perceptiva, cognitiva e existencial, levando-nos ao que Pelbart chama de “instantaneidade hipnótica e chapada” (PELBART, 2016, p.12). No entanto a arte pode ser a mais relevante contribuição humana para o processo de desvelamento desta condição: o poder da arte enquanto instante presente, este *tempo oportuno* de Kairós, que se configura aqui como uma brecha, um respiro, a própria resistência ao sistema, que nos possibilita “afastar o caos e abraçar a felicidade”.

O tempo oportuno da arte, qualquer que seja desde que singular e expressiva, permite esta transcendência – o vôo de Kairós sobre Chronos, evidenciando Aion, ou seja, a eternidade. “A vida é breve, a arte é eterna”, já dizia Hipócrates.

“A arte e o pensamento só se fazem com silêncio, com um pouco de sombra, só vivem daquilo que não pode ser consumido” (CAIAFA, 2000, p. 57). Se por um lado o capitalismo depende cada vez mais dessa produção de subjetividades temporais conformadas, por outro nos parece um tanto óbvio que seu antídoto está na recusa. Estas pequenas recusas, segundo Caiafa, mantêm sua eficácia, e o engajamento da arte ganha tónus na luta através dos fluxos sociais, éticos e políticos a que ela se associa. Para a autora, “o capitalismo não se expande [...] sem oferecer perigo para si mesmo”, e “o obstáculo nunca é absoluto, nunca veda sem frestas” (CAIAFA, 2000, p. 61).

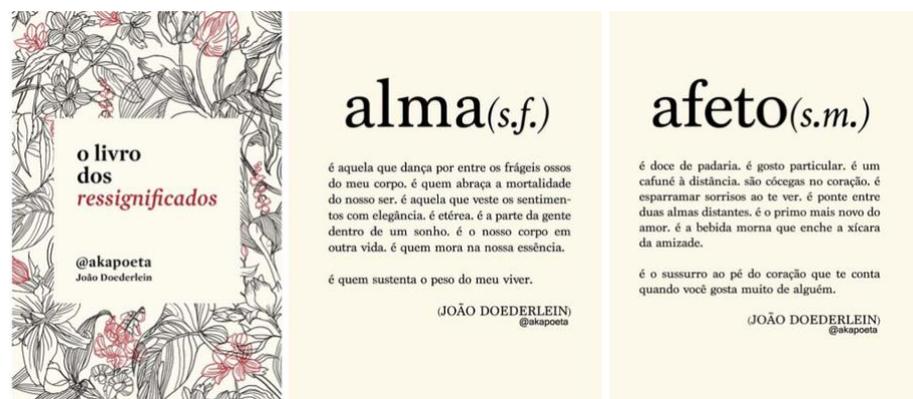


Figura 4 – “O Livro dos Ressignificados” de João Doederlein, codinome @akapoeta.

As mutações subjetivas, segundo Caiafa, podem ser a chave para qualquer mudança: se o capitalismo se apoia nesta condição de expansão da subjetividade

construída a seu favor – e para isso utiliza o tempo mensurável de Chronos –, a resistência também pode assim fazer, e a arte sinaliza sua enorme capacidade em trazer de volta as “almas e afetos” perdidos, seja em forma de poesia, música, pintura ou qualquer manifestação artística de cunho singular e desprovido da *prerrogativa do universal* – a arte só se produz como diferença num campo criativo de várias expressões, ou seja, num campo de singularidades (CAIAFA, 2000, p. 52).

Nessa “nova era da curiosidade” mencionada por Foucault, “não estamos sofrendo de um vazio, mas de meios inadequados para pensar sobre tudo o que está acontecendo”. O tempo absoluto preenche todas as lacunas e espaços da vida, e nos compele. Ao nos compelir, nos empurra junto a um fluxo de subjetividades magnéticas, sedutoras, sem que possamos nos dar conta do ocorrido. Somos levados a viver deste fluxo de signos e imagens, tecnologias e novidades que preenchem os espaços de forma cada vez mais espetacular, mas que não traz *sentido* a longo prazo. É Chronos, que nos devora.

Arte e pensamento como denúncia e crítica, mas também como escape e preenchimento, como *oportunidade*. Ambas as circunstâncias da arte e do pensamento são importantes para a emancipação do indivíduo, no contínuo combate do esvaziamento de sentido. Esta arte, segundo Caiafa, é vista como um campo criador, deslocando o artista como indivíduo privilegiado com poder de mudar o mundo – nesta concepção, o artista é indispensável para dar à ela a singularidade necessária, mas ele não participa como identidade: “é a arte como um fluxo a se combinar com outros” (p. 67-68).

Num certo sentido, a criação começa quando há resistência, mas a mutação subjetiva da arte acontece na sua pós-vida, na repercussão, uma duração que ativa seus atratores e os contagia e engaja, abrindo infinitas possibilidades de reflexão e resistência.

Ao afirmar isso, podemos anexar ao repertório artístico aqui proposto uma versão ainda mais contundente de *arte*, cujo valor crítico ao sistema neoliberal e capitalista contemporâneo é evidente e parece demonstrar certa eficácia. Naomi Klein (2010) adverte sobre os movimentos antiglobalização que vem alimentando grande revolta contra as corporações globais, tomando suas marcas como alvos de críticas e ações. Estes movimentos as forçam a adotar práticas mais socialmente responsáveis, caso contrário acarretam o prejuízo da negação de suas marcas. São micropolíticas que se espraiam por todos os lados, de forma isolada, em grupos ou na arte, principalmente na *street art* (Figura 6) e *culture jamming* (Figura 5), que trazem o senso crítico à todas as esferas das sociedades em questão, de forma democrática e pungente.



Figura 5 – *Culture jamming* utiliza-se do ativismo apoiado à semiótica de guerrilha, colocando em voga técnicas de anticonsumismo, de forma a romper ou subverter as mensagens orientadas para o consumo nos meios de comunicação de massa, ou seja, na cultura *mainstream*. Fontes diversas.



Figura 6 – Banksy é um *street artist* britânico, cujos trabalhos em estêncil são facilmente encontrados nas ruas da cidade de Bristol, Londres e em várias cidades do mundo. Ativista e crítico político, suas obras são sátiras ao capitalismo neoliberal e suas mazelas. Fontes diversas.

Baccega (1995) afirma que é no cotidiano que podemos observar as mudanças sociais que trazem novos sentidos, ao que Bakhtin (2009) chama de “ideologia do cotidiano”. Portanto, a constituição da subjetividade está no cotidiano em que o sujeito se encontra, bem como no universo de discursos a que ele se sujeita diariamente: a subjetividade constitui a polifonia do que ele “recebe”, “reproduz” ou “reelabora”. É assim que ele poderá exercer um papel ativo no processo de conhecimento, mesmo sendo ele próprio um “resultado dos condicionamentos sociais”. Seu poder revolucionário depende do lugar em que se insere e do “sistema de valores a partir do qual lerá o mundo, praticará ações, fará ciência” (BACCCEGA, 1995).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa batalha contra o desassossego dos tempos modernos acreditamos que é possível, através de breves mas consistentes manifestações de resistência e recusa, ouvir

um ténue chamado ao encontro de subjetividades mais relevantes, estas que não têm o compromisso com o mercado, mas sim com nossas almas e afetos. São os *momentos oportunos* de Kairós, o encontro que pode proporcionar um maior sentido para a vida na medida em que a entregamos ao presente, de modo a vivenciá-la de forma mais plena e menos plasmada à qualquer que seja o sistema vigente.

REFERÊNCIAS

- BACCEGA, Maria Ap.. *Palavra e discurso – História e Literatura*. São Paulo: Ática, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo – a transformação das pessoas em mercadoria*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- CAIAFA, Janice. *Nosso século XXI: notas sobre arte, técnica e poderes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- CARNEIRO, Cláudia; ABRITTA, Stella. *Formas de existir: a busca de sentido para a vida*. Rev. abordagem gestalt. Goiânia; v. 14, n. 2, p. 190-194, dez. 2008.
- DELEUZE, Gilles.. Post Scriptum sobre as sociedades de controle. In: _____. *Conversações: 1972-1990*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, pp. 219-226.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- HUMAN. Direção: Yann Arthus-Bertrand. Produção: Florent Gilard. França: Humankind Production, 2015 (3h10min). Disponível em: <http://www.human-themovie.org/>. Acesso em: 01 out. 2020, às 11:15.
- KLEIN, Naomi. *No Logo at ten*. In: _____. *No Logo*. 10th Anniversary Edition. London: Fourth Estate, 2010, pp. xv-xxxii.
- LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean. *A cultura-mundo – resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Cia da Letras, 2011.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. Globalização comunicacional e transformação. In: MORAES, Denis de (org.). *Por uma outra comunicação: mídias, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- PELBART, Peter P.. *Vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2016. (Parte I- Eu(reka) e Parte II - Da claustrofobia contemporânea).
- ROLNIK, Suely. Toxicômanos da identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel (Org.). *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas (SP): Papius, 1997.
- SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011.
- SOUZA, Jessé de. (2018). *A classe média no espelho – sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.